

DAS GEOGRAFIAS DE VENDEDORES AMBULANTES NA PRAIA DE PONTA NEGRA, NATAL (RN): O CAPITAL DO POBRE É A CRIATIVIDADE

Francisco Rocha
Prof. Dr. na Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP
Integrante do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual
e Experimentações Geográficas - Miragem (EACH-USP)
farocha@usp.br

RESUMO

O presente texto propõe refletir sobre imagens de um vídeo realizado por mim que documenta cenas de vendedores ambulantes na Praia de Ponta Negra, Natal (RN). Na ocasião, participava do congresso da Associação Nacional de História (Anpuh), realizado no final de julho de 2013 e que foi sediado nessa cidade. Tais imagens foram captadas de forma espontânea, naquele momento não tinha em mente editá-las, tratava-se apenas de um registro fragmentado dessas cenas. No entanto, o material prestou-se a um exercício no campo da linguagem audiovisual e, com isso, ganhou o caráter de uma pré-produção, para o desenvolvimento futuro de um projeto de documentário, abordando esse tema. Todo o material fílmico que compõe o vídeo se refere, portanto, a esse contexto. As tomadas foram feitas durante algumas horas e a trilha musical resulta dos Cds piratas vendidos em carrinhos de som pelos vendedores ambulantes de Ponta Negra. As idéias e problematizações suscitadas pelo documento são aqui analisadas dentro de uma temática que venho trabalhando há alguns anos em pesquisas acadêmicas, relacionadas à cultura popular no território da modernidade. Nesses trabalhos, inspirado em textos teóricos de autores como Michel de Certeau, entre outros, busco compreender as expressões dessa cultura como uma estratégia peculiar de apropriação do moderno. Assim, considero essas práticas como poéticas que se constituem como desvios, microrresistência à ordem ditada pela cultura dominante.

INTRODUÇÃO

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.
Michel de Certeau (1998 – p. 189)

Mirar uma câmera fotográfica ou de vídeo para um acontecimento que se apresenta diante de nossos olhos é um exercício de escrita. Nesse caso, escreve-se com imagens, busca-se ver, através de um aparato técnico, para fazer ver e dar forma à determinada narrativa que recortamos da realidade. Num sábado de julho de 2013, registrei cenas do cotidiano que transcorriam diante de mim na Praia de Ponta Negra, na cidade de Natal (RN). Posteriormente, o material foi editado, resultando na produção de um pequeno vídeo de doze minutos. Basicamente, o audiovisual documenta o trânsito de vendedores que circulam pela orla, oferecendo os mais diversos produtos aos banhistas. A gama de coisas comercializadas é ampla, Cds piratas, diversas comidas, petiscos e *drinks*, água de coco, água mineral, sorvetes, camisetas, saídas de praia feminina, redes de dormir, esteiras, chapéus, bonés, creme hidratante, protetor solar etc.

Os ambulantes, em sua maioria, dispõem de um carrinho para o transporte e comercialização de suas mercadorias e, no caso de alimentos e bebidas, para a preparação dos mesmos. Tais carrinhos são uma espécie de estabelecimento comercial itinerante.

Abro, agora, um rápido parêntese para anunciar o ponto de contato do meu texto com o tema do III Colóquio Internacional “A Educação pelas Imagens e suas Geografias”. Tomo a educação neste texto em seu sentido mais amplo, ou seja, nos interstícios da vida cotidiana. Esta, por sua vez, é atravessada por uma educação visual, que, ao nos apresenta o novo por fugir dos clichês figurativos imagéticos, nos brinda com situações que escampam completamente daquela educação visual localizada na educação formal e midiática. No que diz respeito às geografias procurei falar como geógrafo, apesar de não ser geógrafo, porque como afirma, DELEUZE & PARNET, “entre o oeste e o leste uma certa segmentaridade se instala, oposta em uma máquina binária, arranjada em aparelhos de Estado, sobrecodificada por uma máquina abstrata como esboço de uma Ordem mundial.”¹ Foi de norte a sul que encontrei “desestabilização”, como diz melancolicamente Giscard d’Estaing, e que um riacho, embora pouco profundo, se abre e põe novamente tudo em jogo, derrota o plano de organização.

Voltando à geografia dessas imagens o local ali concentra um bom número de hotéis, a afluência de turistas e mesmo de moradores da cidade é grande, sobretudo no fim de semana, quando a praia é opção privilegiada de lazer. Eis aí a oportunidade para esses vendedores efetuarem seu meio de subsistência. Se para os veranistas o lugar representa repouso e lazer, espaço para dispor do tempo livre na companhia de familiares e amigos, para eles, a beira mar circunscreve um território de trabalho, onde disputam a atenção dos frequentadores e o mercado para suas trocas comerciais. Mas, a praia, no caso a que foi registrada no vídeo, também é ancoradouro daqueles que labutam na pesca. Ali estacionam suas jangadas, selecionam e contabilizam a coleta do pescado e reparam os seus equipamentos, redes, velas e a própria jangada. Essa é uma pesca artesanal, prática que atravessa gerações e ainda se mantém viva em diversos pontos da costa brasileira.

Ao longo da orla, observa-se que a recente verticalização vem redesenhando o mapa do local, com a edificação de hotéis e prédios de apartamentos em boa parte voltados para a alta classe média. Natal, assim como outras capitais brasileiras, há pelo menos uma década, atravessa um *boom* imobiliário². A construção civil atinge elevados níveis de investimento e os terrenos próximos à praia são atrativo natural para os empreendimentos, sobretudo, o segmento de luxo. O aquecimento do setor na cidade conta ainda com o fato dela sediar jogos da Copa do Mundo em 2014. É certo, a ação do capital imobiliário nesses últimos dez anos tem implicação significativa no processo de transformação de diversos pontos de sua paisagem urbana. Está em curso um processo intenso de reconfiguração de seu território, articulado à reorganização e remodelação de determinados aspectos da dinâmica sociocultural, política e econômica intrínsecas à

¹ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.p.106-107

² A partir de 2004, o governo federal, através do que ficou conhecido como Pacote da Construção, implementa uma série de medidas: redução de taxas de juros, expansão do crédito entre outras, visando o aquecimento do setor. Essas medidas não apenas promoveram o aumento da oferta de moradias populares, como também contribuíram para a expansão do segmento de luxo.

história de sua geografia. Nesse sentido, as peças do tabuleiro estão sendo realocadas, redimensionando, assim, campos de conflito e poder.

A produção do audiovisual que realizei, captando cenas da Praia de Ponta Negra, dialoga com essas questões. Ele é um flagrante daqueles que assumem esse território como meio de subsistência, num contexto de instabilidades e mudanças orquestradas por fatores de diversas ordens, decorrentes de um intenso processo de urbanização. Mesmo que os registros tenham sido iniciado por uma ação espontânea – no momento em que realizamos a produção das imagens, não tínhamos em mente nenhum roteiro ou elaborado a priori algum problema – o enquadramento evoca intencionalidades que perpassam determinados problemas centrais em nossas pesquisas, cuja temática inscreve-se no campo dos estudos culturais. Isso posto, propomos aqui retomar o fio condutor da narrativa do vídeo e refletir sobre pistas e indícios sugeridas por suas imagens e problematizações. Todas as imagens no corpo do texto são fotografias extraídas desse documento fílmico.

A ÚLTIMA IMAGEM

À frente do observador, a linha do horizonte se projeta no mar. No lado oposto, o processo de verticalização redesenha a cartografia da cidade. Impõe linhas limites e recria a paisagem em forma cartesiana, testemunhando a dinâmica de forças que se apropriam do lugar e promovem sua transmutação. De um espaço qualitativo e denso de memória no qual seus habitantes podiam se reconhecer, ao espaço quantitativo e abstrato, a cidade, como cidade do capital, opera a metamorfose do território como valor de uso, em valor de troca, segundo a lógica do mercado.

Tomemos então, como ponto de partida de nossa reflexão, a presença dessas edificações nesse cenário urbano que, em nosso vídeo, compõem as últimas imagens da narrativa. Para isso, propomos considerar a análise de texto publicitário de um desses prédios de apartamentos; cujo nome, *Infinity*, é, em sim mesmo, bastante sugestivo.



Perspectiva da Praia de Ponta Negra.
Fotograma do Vídeo: *Capital de Pobre é Criatividade*.

Esse lançamento imobiliário refere-se a construção de um condomínio de apartamentos de alto padrão à beira mar, previsto para ficar pronto em agosto de 2013. À frente do negócio está a Cyrela Suécia Empreendimentos Imobiliários Ltda³; a

³ A partir de 2003 inicia-se o processo de reaquecimento da produção privada de habitação. A expansão do turismo e a atração do mercado de segundas residências deu início a uma nova fase do setor

empresa, com um nome respeitável no ramo, oferece ao mercado potiguar um novo patamar de elegância e qualidade residencial. Segundo a publicidade: *Infinity, mais que um endereço, um novo ícone em Areia Preta.*⁴



Perspectiva ilustrada da fachada

*Um oceano de emoções se abre para a sua vida. De frente à imensidão do mar, as pessoas revelam sua personalidade. Se a sua deseja infinita liberdade e beleza, está na hora de ser beijada pelo mar à frente do Infinity, seu próximo espaço de vida.*⁵

Ao editar no texto da cidade um signo representativo do “bom gosto”, o condomínio propõe ser um ponto de distinção no mapa da urbe, instaurando ali um marco dos privilégios e prestígio de determinada classe social. De acordo com anúncio dos empreendedores, a edificação traduz: *“Um novo padrão de sofisticação e conforto. Os apartamentos são o conjunto ideal de pequenos cuidados, detalhes esmerados, uma série de bons trabalhos que combinados criam um novo padrão de conforto e qualidade (...) Este ambiente tem tudo a ver com pessoas de bom-gosto, como você.”*⁶ A expressão dessa afinidade, condizente com exigências relativas a determinado gosto, nomeia o lugar como ponto estratégico, através do qual, seus proprietário poderão produzir e afirmar uma imagem de si mesmos, ou dito de outra maneira, o endereço se legitima no campo do controle da imagem pública dos seus moradores. As representações simbólicas condensadas na estrutura física do *Infinity*, tanto na parte interna, quanto externa, concorrem para essa aura de distinção. Aqui comparecem a escolha do estilo arquitetônico; a área dos apartamentos, por volta de quatrocentos metros quadrados, com quatro vagas para automóveis na garagem; o saguão de entrada; as linhas da fachada do prédio, o uso do vidro em boa parte da mesma, funcionando como proteção, mas também exibindo um toque de leveza e modernidade. Esses elementos, entre outros, são fatores por meio dos quais seus condôminos jogam com a distinção, para afirmarem-se a si próprios, ao mesmo tempo em que impõem e legitimam sua visão de mundo. Dessa forma, demarcam balizas de uma territorialidade e assinalam o monopólio de “fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer e de impor a definição legítima das divisões do mundo social.”⁷

Ainda nos referindo ao projeto desse condomínio de apartamentos, não menos importante, dentro dos pressupostos da economia das trocas simbólicas e do campo onde atuam seus agentes, é a portaria do edifício. A publicidade é enfática em descrever esse dispositivo – que separa os de dentro dos de fora e controla o fluxo de entrada e saída das pessoas, da rua ao interior do prédio e vice-versa –, equipado com as mais modernas tecnologias de segurança. Aqui apresenta-se o sistema de modernas câmeras de vigilância, guarita com vidro blindado, enfim, todos os artefatos para a proteção dos

imobiliário em Natal. Nesse contexto, vão aportar em Natal alguns dos grandes *players* do setor imobiliário. CYRELA, ROSSI, MRV lançam empreendimentos de porte em várias áreas da cidade.

⁴ Extraído de folheto promocional - Cyrela Plano&Plano. *Infinity Areia Preta*.

⁵ Idem

⁶ Idem Idem

⁷ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003. p. 113.

condôminos e funcionamento eficaz desses enclaves fortificados. São eles representativos de padrões de moradia, onde o novo estilo de vida pressupõe a interseção entre controle e status. Tais artefatos existem dentro de complexos sistemas de vigilância e distinção, correspondem à privatização da segurança e a naturalização de mecanismos de controle. Eles, ao mesmo tempo em que tornam a desigualdade e a segregação naturais, não apenas distancia os grupos sociais, mas trata a separação como desejável.⁸

Ainda dentro do enunciado publicitário desse empreendimento, os construtores prometem aos clientes um *oceano de emoções*. Possível quanto mais alto for o andar em que se localiza o proprietário, o limite, evidentemente, é os apartamentos coberturas. Desse ponto, *Infinity* se realiza em toda sua completude de *liberdade e beleza*. O texto da cidade visível a partir daí é pura abstração, escapa ao real do lugar e fixa na abertura da parede uma paisagem panorâmica do mar. Um quadro, que somado aos outros objetos, irá participar da composição decorativa do ambiente, recomendável dentro de um padrão de gosto em afinidade com as exigências de certo estilo, revelando nesse *espaço de vida*, a personalidade de seu morador. Uma plataforma de sofisticação e exclusividade para os possuidores do capital econômico e social exibirem elegância, prestígio e reputação, enfim, os elementos de representação simbólica que cumprem o papel de lembrar a eles e aos outros o seu lugar.



Perspectiva Artística do Living - Cyrela Plano & Plano. *Infinity* Areia Preta

PRIMEIRA IMAGEM



Pescador na Praia de Ponta Negra.
Fotograma do Vídeo: *O Capital do Pobre é Criatividade.*

⁸ CALDEIRA, Teresa. *Muros e Novas Tecnologias do Público*. In: MUNTADAS: informação, espaço, controle / curadoria José Roca; textos Ana Belluzo...[et al.] São Paulo, Pinacoteca do Estado, 2011.

As imagens do reparo de uma jangada por um pescador iniciam a narrativa do vídeo documentário e conduzem sua linha mestra. Outras cenas são intercaladas no tempo do jangadeiro realizar a pintura de seu barco. Esse artefato, tal qual a modalidade da atividade propiciada por ele, evocam a temporalidade pré-moderna de uma prática apreendida no campo de certa tradição. Expressões do mesmo corpo - o gesto do pintor demora como o gesto do pescador - acontecem no mesmo ritmo. Manifestam o ser, cuja jangada, como meio de subsistência, é extensão, a possibilidade de ultrapassar os limites da terra firme, de se conduzir através das águas, de estar no lugar onde o pescador inventa-se como tal e tece sua história de vida.



As águas do oceano são palmilhadas pela jangada do pescador, o mar é um velho conhecido e a prática de sua pesca é o ato de se reconhecer ali, de manter intimidade com o lugar. O ir e vir de sua navegação cotidiana desenha caminhos, recorta na amplidão da superfície marinha as linhas de um mapa finito; pois sua percepção do lugar é balizada pela experiência concreta de sua prática artesanal, o mar do pescador mistura-se à sua própria existência. Por isso, não é ornamento decorativo para a fruição contemplativa de um estilo de vida e muito menos pode ancorar projeções subjetivas articuladas à lógica do consumo, a exemplo do discurso publicitário que o enquadra como *infinity*.



A jangada existe entrelaçada na história do pescador, o nome, *Zélia Prazeres*, é sinal visível dessa existência, que se inicia com o ato do batismo. Um gesto de inventividade, de apropriação e recriação desse artefato, dando a ele um sentido pra além da instrumentalização e funcionalidade de seu uso. Ao ser singularizada com um nome, ela assume uma narrativa própria no mundo, essa se confunde com a do pescador.



A jangada na Praia de Ponta Negra. Fotograma do Vídeo: O Capital do Pobre é Criatividade.

IMAGENS DOS VENDEDORES AMBULANTES

As sequências, intercaladas durante o trabalho do pescador refazendo a pintura da jangada, documentam, no vídeo, a presença de vendedores ambulantes na praia. Esses atores, em sua maioria, trafegam com carrinhos, oferecendo aos banhistas diversos produtos. Apropriam-se do lugar como palco de suas encenações, improvisam ali performances, revelando aspectos de uma poética implicada à invenção de estratégias de sobrevivência. Nesse sentido, operam desvios, ocupam o campo da ação de forças articuladas à formalização do mercado e transgridem, nesse território, para fazer valer o ato de seus meios de vida. Levam para o centro desse palco uma prática que engendra o individual e o coletivo, o ator e o público e anunciam ali a “fala do povo”.

Dessa forma, seus *scripts* são representações da cultura popular, manifestações que se depreendem da criatividade prática e dos atos da vida cotidiana que a sustentam e a organizam e surgem como proliferação de criações anônimas e efêmeras, irrompendo com vivacidade no cotidiano. Suas poéticas referem-se à criatividade das pessoas comuns. Uma criatividade que se exerce nas práticas cotidianas onde se combinam a astúcia, a sutileza, a flexibilidade do espírito, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, enfim, habilidades diversas que traduzem uma experiência longamente adquirida. Para além da ordem dominante da produção e do consumo instituída em nossa sociedade, o cotidiano, como nos fala Michel de Certeau (1998, p.28), se inventa “com mil maneiras de caça não autorizada”. Dentro dessa perspectiva, tais manifestações podem ser compreendidas como apropriação (ou reapropriação) da ordem dominante, mobilizando práticas que se configuram como micro-resistências, as quais fundam, por sua vez, micro-liberdades e deslocam as fronteiras da dominação. Eis como no campo de uma ideologia da produção e das técnicas especializadas movimenta-se uma cultura fundamentada nas tradições orais, na operatividade (criatividade prática) e no ordinário (atos da vida cotidiana).⁹

As imagens a seguir compõem a primeira sequência dos ambulantes em nosso vídeo. Nesse caso, trata-se de um vendedor de Cds piratas que se auto nomeia, Janaina. Vestindo um figurino de mulher grávida, seu personagem entra em cena e se apropria do lugar como palco. Ali, realiza sua performance de dança, uma coreografia improvisada das músicas discotecadas por ele, utilizando um carrinho de som que empurra ao longo da praia.

⁹ Sobre o conceito de cultura popular, manifesto como micro-resistência nas práticas cotidianas, ver: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998. 3ª ed.



Vendedor de Cds na Praia de Ponta Negra.
Fotograma do Vídeo: *O Capital do Pobre é Criatividade*.



Performance de dança de Janaína, na Praia de Ponta Negra.
Fotograma do Vídeo: *O Capital do Pobre é Criatividade*

O ator, de posse de seu aparato cênico, converte a audiência dos banhistas, em seu público. A trilha sonora, criada por ele próprio, espécie de DJ ambulante, serve à comercialização dos Cds, mas é imprescindível para a realização de sua intervenção. Uma intenção está camuflada na outra, por isso a performance reverbera a inscrição grafada em seu artefato de trabalho: *o capital do pobre é criatividade*, aspecto que já se apresenta no ato de inventar-se como personagem, um gesto que viabiliza seu meio de vida.

A arte do ambulante começa por criar uma linguagem própria para catalogar os Cds e tocar as faixas escolhidas em cada álbum e são dezenas deles na banca de seu carrinho. Isso lhe permite uma enorme destreza em localizar o álbum e a faixa a ser executada, garantindo eficiência como DJ e, ao mesmo tempo como vendedor, pois é necessário cativar a freguesia. Empurrando seu carrinho de som, Janaina percorre a Praia de Ponta Negra de Natal, onde marca presença constante. Tal estratégia de venda de CDs piratas é comum nas capitais do nordeste. Em São Paulo, até a interdição dos ambulantes pelo governo municipal, eles podiam ser vistos no centro da cidade no

início da década passada. Arriscamos a dizer que foram importados dessas regiões para a capital paulista.

A inventividade desses vendedores se revela, em primeira mão, no artefato construído como meio para realizar a venda de seus Cds. O carrinho não transportar apenas a mídia que contém a música, nele circula, por conta do equipamento aí instalado, a própria música. Seu *design* funciona como uma caixa de som sobre rodas. O projeto de fabricação desse artefato tem em sua concepção um gesto de apropriação da tecnologia que, nos automóveis, funciona como um acessório para a reprodução mecânica da música. *Cd players* automotivos, alto-falantes e baterias compõem, assim, o conjunto utilizado na produção do veículo desses ambulantes.



Vendedor de Cds na Praia de Ponta Negra. Fotograma do Vídeo: *O Capital do Pobre é Criatividade*.

Ao se apropriarem da praia como território de seu trabalho, esses tocadores de música itinerante intervêm em sua paisagem sonora. As canções irradiadas de seus artefatos reeditam no presente a prática dos pregões dos ambulantes de outrora, espécie de realejo contemporâneo, eles reinventam a sua permanência no lugar, recriam sua trilha musical para dar o tom e o ritmo da vida que transcorre no cotidiano da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao grafar um nome na jangada o pescador singulariza seu instrumento de trabalho; o torna único e investe nesse nome a publicidade de uma narrativa que sustenta sua história de vida. O mesmo sentido pode ser apreendido das inscrições e da forma que assumem os artefatos de trabalho daqueles que circulam em terra firme. Esses equipamentos, como dizemos, são expressões de certa inventividade poética das pessoas comuns, apontam para uma experiência longamente adquirida, remontam às narrativas que se dispõem em tempos remotos. Sua permanência deriva da força de uma *poiesis* que se reinventa constantemente, através da astúcia, da sutileza desses atores, que jogam nas brechas de um território ocupado pelos poderes dominantes. Ali se apropriam de materiais que a lógica do consumo descarta: uma panela de pressão vira uma churrasqueira para a confecção de espetinho de queijo coalho, uma roda de bicicleta de criança serve à sustentação de uma lanchonete ambulante. Assim, como *bricoulers*, eles reinventam usos para esses descartes, não apenas por conta da urgência da necessidade física de sobrevivência, mas, sobretudo pela necessidade de narrar uma história que, em última instância, escreve suas biografias. Por isso “falei” como geógrafo, pois encontrei na política espacial de uso do território implementada por esses

ambulantes a poética que sustenta aquilo que há de mais intenso em suas experiências: as geografias encarnadas em seus corpos.



Artefatos de vendedores ambulantes, Praia de Ponta Negra.
Fotograma do Vídeo: *O Capital do Pobre é Criatividade*.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo, Edusp, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003. p. 113.
- CALDEIRA, Teresa. *Muros e Novas Tecnologias do Público*. In: MUNTADAS: informação, espaço, controle / curadoria José Roca; textos Ana Belluzo...[et al.] São Paulo, Pinacoteca do Estado, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998. 3ª ed.
- _____, *A Invenção do Cotidiano: 2 Morar, Cozinhar*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- FRASER, Valerie. *Modernidade, Identidade e a Cidade: Brasil e Brasília*. In: http://www2.essex.ac.uk/arthistory/arara/issue_five/paper2.html
- FREIRE, Cristina. *Além dos Mapas: Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo, SESC & Annablume, 1997.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 15º. ed. São Paulo, Edições Loyola, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo, Moraes Ltda, 1991.
- MONGIN, Oliver. *A Condição Urbana: a cidade na era da globalização*. São Paulo, Estação Liberdade, 2009.